

A cristandade medieval e o cisma entre Oriente e Ocidente

"A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste."

João 17.21 · NAA

Bispo Ildo Mello · Leitura prévia: Jo 17.20-26; Mc 10.35-45; Jo 1.9-13

PARA COMEÇAR

Quando todos são "cristãos"

O que acontece quando nascer num país e ser "cristão" viram a mesma coisa? Por que a igreja se dividiu em 1054 entre católicos romanos e ortodoxos orientais, uma ferida aberta até hoje? Como avaliar as Cruzadas com honestidade cristã?

O que esta aula cobre. O auge da chamada cristandade medieval, de 800 a 1200, quando a fé cristã moldou uma civilização inteira, com tudo de grandioso e de perigoso que isso significa.

No Natal do ano 800, o papa Leão III coroou Carlos Magno "imperador dos romanos". A cena é o retrato de uma ideia que dominaria a Europa por setecentos anos: a cristandade, sociedade em que igreja e Estado são as duas mãos de um mesmo corpo cristão, em que todo recém-nascido é batizado e todo súdito é, por definição, cristão. Carlos Magno promoveu escolas, corrigiu textos bíblicos, reformou o clero; e também impôs o batismo aos saxões vencidos, sob pena de morte.

Pesemos com balança honesta. A cristandade elevou o valor da vida, suavizou costumes, criou hospitais e universidades e deu à civilização ocidental sua espinha moral. Mas cobrou o preço que ronda a série desde Constantino, agora em escala total: quando todos são cristãos por nascimento, quase ninguém o é por conversão. O Novo Testamento não conhece cristão por hereditariedade: "a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que creem no seu nome" (Jo 1.12). Todas as reformas que estudaremos daqui em diante nascem dessa tensão entre a cristandade oficial e o evangelho da conversão pessoal.

SITUANDO-SE NA HISTÓRIA

Linha do tempo (800-1200)

800 Carlos Magno	Coroado imperador pelo papa no Natal. Nasce a cristandade: igreja e império como duas mãos do mesmo corpo.
863 Cirilo e Metódio	Missão aos eslavos: Cirilo cria o alfabeto glagolítico, e a missão traduz Escritura e liturgia para a língua do povo. O caminho oposto ao da imposição.
909 Cluny	Fundação do mosteiro que puxará uma grande reforma da igreja, contra a simonia e a decadência do clero.
988 Conversão da Rússia	O príncipe Vladimir de Kiev abraça o cristianismo bizantino; nasce a cristandade russa.
1054 O Grande Cisma	Excomunhões mútuas entre Roma e Constantinopla. A cristandade parte-se ao meio: católicos e ortodoxos.
1077 Canossa	O imperador Henrique IV espera três dias na neve pela absolvição do papa Gregório VII: o grande símbolo da ascensão do poder papal medieval.
1095-1099 Primeira Cruzada	Urbano II convoca; Jerusalém é tomada em 1099, com massacre de muçulmanos e judeus.
1098-1153 Anselmo e Bernardo	Anselmo escreve Por que Deus se fez homem; Bernardo de Claraval torna-se a alma espiritual do século 12.

PARTE 1

O Grande Cisma de 1054

Em julho de 1054, legados do papa depositaram sobre o altar da catedral de Santa Sofia, em Constantinopla, uma bula excomungando o patriarca; o patriarca respondeu excomungando os legados. A cristandade partia-se ao meio: de um lado o Ocidente latino, católico romano; do outro, o Oriente grego, que se chamaria ortodoxo.

A data é simbólica, porque o afastamento vinha de séculos e tinha várias camadas:

Camada cultural

Latim contra grego: dois mundos que já mal se entendiam.

Camada política

A coroação de Carlos Magno criara um "império romano" rival do verdadeiro, em Constantinopla.

Camada teológica

O Ocidente acrescentara ao Credo Niceno a palavra filioque ("e do Filho": o Espírito procede do Pai e do Filho), sem consultar nenhum concílio ecumênico. O Oriente rejeitou tanto a questão teológica em si (o modo de confessar a relação do Espírito com o Pai e o Filho) quanto, sobretudo, a pretensão de Roma de alterar sozinha o credo comum.

A camada decisiva: autoridade

Roma reivindicava jurisdição universal do papa sobre toda a igreja; o Oriente reconhecia ao bispo de Roma uma primazia de honra entre patriarcas iguais, nunca um senhorio.

Em 1204, a Quarta Cruzada, desviada de seu propósito, saqueou Constantinopla, profanando igrejas e massacrando cristãos orientais, e tornou a ferida incurável. **Registro a lição com tristeza:** divisões entre cristãos raramente nascem de doutrina pura; nascem de orgulho, cultura e poder vestidos de doutrina. A oração de Jesus, "que todos sejam um... para que o mundo creia" (Jo 17.21), segue sendo a acusação permanente contra nossos cismas.

PARTE 2

A reforma gregoriana e a ascensão do papado

A palavra "reforma" não nasceu com Lutero. No século 10, o papado havia afundado no seu período mais vergonhoso, leiloado entre famílias da aristocracia romana; senhores feudais nomeavam ("investiam") bispos e abades como quem distribui cargos. Do mosteiro de Cluny partiu um clamor de purificação que chegou ao trono papal com Gregório VII (1073-1085).

Gregório atacou males reais: a simonia (compra e venda de cargos sagrados, o pecado de Simão em At 8.18-20) e a investidura leiga. Mas seu remédio criou outro mal: para libertar a igreja dos reis, exaltou o papado acima deles e de tudo, reivindicando o poder de depor imperadores. Em 1077, o imperador Henrique IV esperou três dias na neve, descalço, diante do castelo de Canossa, para receber a absolvição papal.

Que contraste com o Mestre que lavou pés e declarou: "entre vocês não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vocês será esse o que sirva" (Mc 10.43). O papado saiu da luta das investiduras como uma das maiores potências da Europa (o auge institucional viria depois, com Inocêncio III); e, de uma perspectiva evangélica, é possível ver nessa concentração de poder a semente de problemas espirituais que as aulas 7 e 8 mostrarão.

PARTE 3

As Cruzadas

Em 1095, o papa Urbano II conclamou os cavaleiros da Europa a libertar Jerusalém do domínio turco, prometendo indulgência plena a quem tomasse a cruz. Multidões responderam ao grito de "Deus o quer!". Em 1099, os cruzados tomaram Jerusalém e mancharam a conquista com o massacre de muçulmanos e judeus da cidade.

Seguiram-se dois séculos de expedições, reinos latinos no Oriente, ordens militares, derrotas e a perda final de tudo em 1291. Não pretendo julgar o século 11 com arrogância do século 21; homens sinceros creram servir a Deus, e o mundo muçulmano também expandira sua fé pela espada.

Mas o padrão de julgamento do cristão não é o espírito da época, é o evangelho, e diante dele o veredito é claro: a cruz tomada como estandarte de guerra é a negação da cruz. Jesus disse a Pedro: "guarde a sua espada no lugar, porque todos os que lançam mão da espada à espada morrerão" (Mt 26.52), e ao morrer orou pelos que o matavam (Lc 23.34). As Cruzadas envenenaram por séculos o testemunho cristão diante de muçulmanos e judeus, e nos legaram um aviso: sempre que a igreja mistura evangelho com projeto militar ou político, quem sangra é o evangelho.

PARTE 4

As luzes do período

Deus não deixou aqueles séculos sem testemunhas de outra qualidade.

Cirilo e Metódio (a partir de 863)

Os irmãos de Tessalônica evangelizaram os eslavos pelo método oposto ao de Carlos Magno: em vez de impor uma língua sagrada, Cirilo criou um alfabeto (o glagolítico) para a língua do povo, e a missão traduziu a Escritura e a liturgia. O alfabeto cirílico, desenvolvido depois na Bulgária por discípulos da missão e batizado em homenagem a Cirilo, é usado até hoje da Sérvia à Rússia: fruto de uma missão que honrou o princípio de Pentecostes: cada povo ouvindo "as grandezas de Deus" em sua própria língua (At 2.11).

Anselmo de Cantuária (1033-1109)

O maior teólogo entre Agostinho e Tomás de Aquino uniu como poucos oração e razão; sua divisa: "creio para compreender". No livro Por que Deus se fez homem, respondeu com a doutrina da satisfação: o pecado é ofensa infinita à honra de Deus; só o homem deve pagar, só Deus pode pagar; logo, era necessário um Deus-homem. A teologia evangélica da cruz deve muito a esse monge.

Bernardo de Claraval (1090-1153)

Da reforma cisterciense, foi a alma espiritual do século 12: pregador que reprovava publicamente papas e reis, e místico do amor de Deus cuja marca era a devoção fervorosa ao nome de Jesus. Teve contradições graves (pregou a Segunda Cruzada, e nisso errou como seu tempo), mas sua espiritualidade centrada em Cristo atravessou os séculos e alimenta a igreja até hoje.

FONTES PRIMÁRIAS

Vozes do período

PROSLÓGION 1 • 1078

Anselmo de Cantuária

"Não tento, Senhor, penetrar a tua profundidade, pois de modo nenhum comparo a ela o meu entendimento; mas desejo compreender de algum modo a tua verdade, que o meu coração crê e ama. Pois não busco compreender para crer, mas creio para compreender."

SOBRE O AMOR DE DEUS 1 · C. 1128

Bernardo de Claraval

"Quereis saber por que e como se deve amar a Deus? Respondo: a causa de amar a Deus é o próprio Deus; a medida de amá-lo é amá-lo sem medida."

PRÓLOGO ESLAVO · SÉC. IX

Da missão de Cirilo e Metódio

"Assim como sem luz não há alegria para o olho que deseja ver a criação de Deus, assim toda alma sem letras não vê bem a lei de Deus. [...] Ouvi, povos eslavos, ouvi a Palavra que alimenta as almas."

A PONTE WESLEYANA

Wesley e a herança medieval

Wesley leu a Idade Média com a liberdade de quem não precisa nem canonizá-la nem queimá-la.

De um lado, sua crítica ao papado medieval e à mistura de igreja e poder é dura e constante; o sermão O Mistério da Iniquidade vê nesses séculos o aprofundamento da corrupção iniciada com Constantino. De outro lado, Wesley bebeu com gosto nos místicos e mestres espirituais medievais: a devoção de Bernardo ao amor de Deus e a literatura de imitação de Cristo (Tomás de Kempis, que Wesley traduziu e publicou para seu povo) alimentaram diretamente a doutrina wesleyana do amor perfeito, a santificação como amor que enche o coração.

É o discernimento que recomendo: da cristandade medieval, rejeitamos o projeto de poder; da devoção medieval, herdamos com gratidão tudo o que aponta para Cristo. "Examinem tudo e fiquem com o que é bom" (1Ts 5.21).

DA HISTÓRIA PARA A VIDA

Aplicação pastoral

Cristianismo de nascença não salva

O Brasil tem sua própria cristandade: milhões de "cristãos" de estatística, batizados, com Bíblia em casa e sem conversão. A pergunta da cristandade medieval é a nossa: onde estão os nascidos de novo (Jo 3.3)? Maioria cultural não é discipulado.

A unidade é agenda de Cristo

O cisma de 1054 e o saque de 1204 mostram aonde levam orgulho eclesiástico e rivalidade cultural. Sem negociar verdade bíblica, tratemos irmãos de outras tradições com a honra de quem sabe que a oração de Jo 17.21 ainda não foi plenamente respondida.

Jamais amarrar a cruz a uma espada

Cada geração tem sua tentação de cruzada: vencer para Cristo pelos métodos do mundo. O reino de Cristo não é deste mundo (Jo 18.36) e avança por testemunho, serviço e sofrimento, nunca por coerção.

FIXAÇÃO

Cartões de memorização

800 • Natal de Carlos Magno

O papa coroa Carlos Magno imperador. Retrato da cristandade: igreja e Estado como duas mãos do mesmo corpo, todo súdito “cristão” por nascimento.

Jo 1.12 • Contra a fé hereditária

“A todos quantos o receberam... aos que creem no seu nome.” O Novo Testamento não conhece cristão por hereditariedade; conhece nascidos de novo (Jo 3.3).

1054 • O Grande Cisma

Excomunhões mútuas entre Roma e Constantinopla. Camadas: cultura (latim × grego), política, filioque e, decisiva, a autoridade papal.

Filioque • “E do Filho”

Acréscimo ocidental ao credo (o Espírito procede do Pai e do Filho) feito sem concílio ecumênico. O Oriente rejeitou sobretudo a pretensão de Roma de alterar sozinha o credo comum.

Canossa, 1077 • Símbolo do poder papal

Henrique IV espera três dias na neve pela absolvição de Gregório VII. Contraste: o Mestre lavou pés (Mc 10.43).

Simonia • At 8.18-20

Compra e venda de cargos sagrados, o pecado de Simão, o mago. Mal real que a reforma gregoriana atacou, criando porém outro mal: o papado acima de tudo.

Cruzadas • O veredito

“Deus o quer!” (1095), Jerusalém e o massacre (1099), o saque de Constantinopla (1204). Diante do evangelho: a cruz como estandarte de guerra é a negação da cruz (Mt 26.52).

Cirilo e Metódio • 863

Missão aos eslavos: o alfabeto glagolítico de Cirilo, Escritura e liturgia na língua do povo (o cirílico veio depois, na Bulgária, em honra dele). O princípio de Pentecostes (At 2.11).

Anselmo • Credo ut intelligam

“Creio para compreender.” Em Por que Deus se fez homem: só o homem deve pagar, só Deus pode pagar; logo, era necessário um Deus-homem.

Bernardo • Amar sem medida

“A causa de amar a Deus é o próprio Deus; a medida é amá-lo sem medida.” O místico do amor de Deus que alimentou a doutrina wesleyana do amor perfeito.

AValiação

Questões para fixar (com gabarito comentado)

1. O que simboliza a coroação de Carlos Magno pelo papa no Natal de 800?

- a) A ideia de cristandade: igreja e império como duas mãos de uma sociedade cristã**
- b) A separação entre igreja e Estado
- c) O início das Cruzadas
- d) O fim do cristianismo no Ocidente

Resposta: a. Isso. Todo recém-nascido batizado, todo súdito “cristão”. Grandeza civilizacional e perigo espiritual na mesma cena.

2. Qual é o problema espiritual central da cristandade?

- a) Pobreza da igreja
- b) Excesso de missionários
- c) Quando todos são cristãos por nascimento, quase ninguém o é por conversão**
- d) Falta de catedrais

Resposta: c. Correto. O batismo vira certidão civil, a fé vira costume. Contra isso, Jo 1.12 e Jo 3.3: filhos de Deus são os que creem, os nascidos de novo.

3. O que aconteceu em 1054?

- a) A Primeira Cruzada
- b) Excomunhões mútuas entre Roma e Constantinopla: o Grande Cisma**
- c) A queda de Roma
- d) A conversão da Rússia

Resposta: b. Isso. O Ocidente latino (católico romano) e o Oriente grego (ortodoxo) se separam, ferida aberta até hoje.

4. O que é a cláusula filioque?

- a) Um título imperial
- b) Uma ordem monástica
- c) Um imposto papal

d) O acréscimo ocidental ao credo: o Espírito procede do Pai “e do Filho”

Resposta: d. Correto. Havia divergência teológica real, mas o acréscimo feito sem concílio ecumênico tornou-se sobretudo o símbolo da pretensão romana de alterar sozinha a fé comum: pavio do cisma.

5. Qual era a questão decisiva por trás do cisma?

- a) O celibato
- b) A data da Páscoa
- c) **A autoridade: jurisdição universal do papa contra primazia de honra entre patriarcas iguais**
- d) O uso de imagens

Resposta: c. Isso. Roma exigia senhorio sobre toda a igreja; o Oriente reconhecia honra, nunca jurisdição. As demais camadas (cultura, política, filioque) giravam em torno dessa.

6. O que aconteceu em Canossa (1077)?

- a) **O imperador Henrique IV esperou três dias na neve pela absolvição do papa Gregório VII**
- b) Foi assinada a paz com o Islã
- c) Fundou-se a universidade de Paris
- d) O papa foi preso pelo imperador

Resposta: a. Correto. A imagem correu a Europa: o grande símbolo da ascensão do poder papal (o auge institucional viria com Inocêncio III). E a aula contrasta: o Mestre lavou pés (Mc 10.43).

7. Qual é a avaliação evangélica das Cruzadas proposta na aula?

- a) Não têm importância histórica
- b) Foram invenção de historiadores
- c) Foram plenamente justificadas

d) A cruz tomada como estandarte de guerra é a negação da cruz

Resposta: d. Isso. Mt 26.52 e Lc 23.34 julgam o método: o reino de Cristo não avança por coerção. As Cruzadas envenenaram por séculos o testemunho cristão diante de muçulmanos e judeus.

8. Qual foi o método missionário de Cirilo e Metódio entre os eslavos?

- a) Impor o latim
- b) Criar um alfabeto e traduzir Escritura e liturgia para a língua do povo**
- c) Conquista militar
- d) Batismo compulsório

Resposta: b. Correto. O princípio de Pentecostes (At 2.11): cada povo ouvindo as grandezas de Deus em sua própria língua. Da missão nasceu o glagolítico; o cirílico, criado depois por discípulos na Bulgária, homenageia Cirilo.

9. Complete a divisa de Anselmo: “Não busco compreender para crer...”

- a) “...mas obedeco para crer”
- b) “...mas creio sem compreender”
- c) “...mas creio para compreender”**
- d) “...mas duvido para crer”

Resposta: c. Isso. A fé não é inimiga da razão; é o ponto de partida dela. De dentro da fé, Anselmo pensou a cruz como poucos: só o homem deve pagar, só Deus pode pagar.

10. Que herança medieval alimentou a doutrina wesleyana do amor perfeito?

- a) A devoção dos místicos, como Bernardo, e a literatura de imitação de Cristo**
- b) A luta das investidas
- c) A teologia das Cruzadas
- d) O direito canônico

Resposta: a. Correto. Bernardo e Tomás de Kempis (que Wesley traduziu e publicou) alimentaram a visão da santificação como amor que enche o coração. Da Idade Média, rejeita-se o poder; herda-se a devoção.

PARA PENSAR E CONVERSAR

Perguntas para reflexão

O Brasil tem milhões de “cristãos de estatística”: batizados, com Bíblia em casa, sem conversão. Em que a estratégia da sua igreja local trata essas pessoas como já alcançadas, e o que mudaria se as tratasse como campo missionário?

O primeiro passo é de diagnóstico: cristandade cultural produz imunizados, pessoas que já ouviram vocabulário cristão o bastante para achar que aceitaram o que nunca entenderam. Trata-las como alcançadas gera duas distorções práticas: cultos que pressupõem conversão (só edificação, nunca anúncio claro do evangelho com chamado à decisão) e evangelismo dirigido apenas a “não religiosos”. Trata-las como campo missionário mudaria três coisas: a pregação voltaria a explicar o essencial sem pressupor nada (quem é Jesus, o que é arrependimento, o que é novo nascimento, Jo 3.3); o discipulado começaria do zero com os de dentro, não só com os de fora; e a régua de sucesso deixaria de ser frequência e passaria a ser fruto verificável de conversão (Mt 7.16). Wesley fez exatamente isso numa Inglaterra 100% “cristã”: pregou o novo nascimento aos batizados. Foi escandaloso, e foi avivamento.

Um irmão diz: “católicos e ortodoxos não são cristãos; a igreja verdadeira começou na Reforma” (ou, na versão oposta: “as divisões não importam, somos todos iguais”). Como responder aos dois erros à luz desta aula?

Ao primeiro erro, responda com história e com o credo: a igreja não nasceu na Reforma; os próprios reformadores se entendiam como herdeiros de Niceia, de Calcedônia, de Agostinho, e o evangelho nunca ficou sem testemunhas (Mt 16.18). Negar o nome cristão a todo católico ou ortodoxo é condenar também Atanásio, Crisóstomo e Bernardo, dos quais vivemos. O que a Reforma fez foi corrigir desvios graves acumulados, tema das próximas aulas, e essas divergências doutrinárias são reais e importam. Ao segundo erro, responda com a mesma seriedade: dizer que as diferenças não importam é desonrar os que sofreram por questões de verdade. O caminho bíblico recusa os dois atalhos: verdade sem caridade vira sectarismo; caridade sem verdade vira indiferença. Jo 17.21 pede unidade na verdade, e 1054 nos lembra do que acontece quando orgulho e cultura se vestem de doutrina: o mundo deixa de crer.